



Escola, família e militarismo: análise retórico-argumentativa do discurso de Jair Bolsonaro em Colégio Militar de São Paulo

Fredson Augusto Silva Oliveira¹
Tarcísio Pereira Guedes²

RESUMO:

Este artigo apresenta uma análise do discurso do ex-presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, durante solenidade de incorporação dos alunos recém-matriculados no 6º ano do ensino fundamental no Colégio Militar-São Paulo/SP, proferido no dia 03 de fevereiro de 2020 e disponível no site oficial do Palácio do Planalto. Trata-se de uma articulação teórico-metodológica entre a Teoria da Argumentação e da Nova Retórica de Chaïm Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), a Teoria do Discurso Social de Marc Angenot (2010; 2015) e as noções de Cultura segundo Denys Cuche (1999) e Michel de Certeau (2010), para responder de que maneira Jair Bolsonaro constrói o seu discurso e com o objetivo de identificar as técnicas argumentativas que ele utiliza. Explora a integração entre os elementos da tríade retórica do *Éthos*, *Páthos* e *Lógos* na construção do discurso do ex-presidente e explora, também, as noções de fetiche e cultura nele imbricadas. Do ponto de vista metodológico, o discurso foi analisado na integralidade, mas dividido em sete excertos para facilitar a identificação e compreensão dos elementos analisados. Como resultado, conclui-se que Jair Bolsonaro mobiliza os três elementos da tríade retórica, mas há uma predominância de elementos ligados ao *páthos* do auditório, evidenciada na exploração dos temas “escola”, “família” e “militarismo”, social e culturalmente legitimados e hegemônicos.

PALAVRAS-CHAVE:

Discurso político;
Jair Bolsonaro;
Tríade retórica;
Discurso social;
Cultura.

¹ Professor Assistente do curso de Letras: Português e Francês da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e doutorando do Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

² Mestrando Programa Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

1 Introdução

A retórica, tanto como a arte de bem falar, quanto como a arte da persuasão por meio de argumentos, tem sido objeto de estudo, em diversas áreas da linguagem e ciências humanas (MEYER, 2007). A partir da sua clássica exposição sobre a arte de persuadir, o filósofo estagirita (ARISTÓTELES, 2015) abriu campo para análises da figura/imagem do orador (*éthos*), da argumentação em si (*lógos*), bem como do efeito emocional desta sobre o auditório (*páthos*).

Depois de muito tempo relegada à opacidade, essa arte da linguagem se viu revisitada na contemporaneidade, a partir da Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), ao darem ênfase à argumentação. Essa argumentação pode ser tanto persuasiva, quanto convincente. De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), a convicção está baseada na verdade do seu objeto e é válida para qualquer ser racional, já a persuasão tem um alcance puramente individual. Para Charaudeau (2015), o convencimento está ligado ao raciocínio e fundado sobre as faculdades intelectuais, já a persuasão está ligada aos sentimentos, aos afetos, e está voltada para o auditório.

Ao pensarmos no exercício de aplicação da unidade da retórica e seus componentes, a partir dos estudos retórico-argumentativos, propomos uma análise de discurso político com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Argumentação e da Nova de Chaïm Perelman e Olbrecht-Tyteca (2014). Para tanto, buscamos responder a seguinte questão norteadora: De que maneira Jair Bolsonaro constrói o seu discurso? Selecionamos como *corpus*, o discurso do ex-presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, em virtude da solenidade de incorporação dos alunos recém-matriculados no 6º ano do ensino fundamental, do Colégio Militar de São Paulo-SP, proferido em 03 de fevereiro de 2020, enquanto ainda era presidente (PLANALTO, 2020).

De modo geral, nosso objetivo é identificar os argumentos utilizados pelo orador para construir o seu discurso. E, de modo específico, buscamos: Identificar os argumentos que apelam para as próprias características do orador (*éthos*); identificar os argumentos que apelam para os sentimentos e as emoções do auditório (*páthos*) e identificar os “argumentos quase lógicos”, os “argumentos baseados na estrutura do real” e os “argumentos que fundamentam a estrutura do real” (*lógos*).

Do ponto de vista metodológico, este estudo tem natureza qualitativa, pois privilegiará a compreensão e a análise do discurso selecionado como *corpus*, considerando o caráter interpretativista sugerido pela pergunta norteadora. A transcrição do discurso de Jair Bolsonaro está disponível no site oficial do Palácio do

Planalto. O discurso será analisado integralmente, mas dividido em sete excertos, para facilitar a identificação das técnicas argumentativas utilizadas pelo orador.

Para responder a questão norteadora e atingir os objetivos propostos, consideramos as argumentações centradas no *éthos*, no *páthos* e no *lógos*, as três dimensões da relação retórica que giram em torno do ato discursivo persuasivo. Segundo Meyer (2007), o *éthos* está relacionado ao caráter do orador, à sua personalidade, traços comportamentais, escolhas de vida e a um conjunto de virtudes morais que vão auxiliá-lo a construir a sua própria imagem junto ao auditório e poderá conferir-lhe ou não credibilidade.

Enquanto o *éthos* está no campo da imagem e da credibilidade do orador, o *páthos* representa as paixões, as emoções e os sentimentos que o orador consegue despertar no auditório. Charaudeau (2007, p. 245) considera o *páthos*, uma tentativa do sujeito falante em fazer com que o outro não reflita sobre aquilo que ele fala, mas seja levado pelos movimentos de seus afetos:

O sujeito falante então recorre a estratégias discursivas que tendem a tocar a emoção e os sentimentos do interlocutor – ou do público – de maneira a seduzir ou, ao contrário, lhe fazer medo. Trata-se de um processo de dramatização que consiste em provocar a adesão passional do outro atingindo suas pulsões emocionais.

Charaudeau (2015) assinala que o *éthos* e o *páthos* pertencem ao domínio da emoção, são demonstrações psicológicas que podem representar o estado de espírito do orador ou do auditório, enquanto o *lógos* pertence ao domínio da razão. O *lógos* é a organização lógica do pensamento contido no discurso persuasivo da técnica retórica, pois suas proposições são respostas a uma questão colocada, logo ele é “tudo aquilo que está em questão” (MEYER, 2007, p. 34).

De acordo com Perelman & Olbrechts-Tyteca (2014), a argumentação visa obter a adesão daqueles a quem se dirige e é, inteiramente, relativa ao auditório que procura influenciar, por esta razão, o orador precisa de estratégias argumentativas para construir o seu discurso, justificar uma tese e torná-la plausível para o auditório. Segundo Abreu (2003, p. 49), as “técnicas argumentativas são os fundamentos que estabelecem a ligação entre as teses de adesão inicial e a tese principal” do discurso do orador.

Como técnicas argumentativas, Fiorin (2016) destaca os “argumentos quase-lógicos”, que lembram os raciocínios lógicos e matemáticos, mas cujas conclusões podem ser questionadas, por não serem logicamente necessárias, os “argumentos baseados na estrutura do real”, que pertencem ao nosso mundo objetivo (relações, de sucessão, hierarquização, coexistência, casualidade) e os “argumentos que

fundamentam a estrutura do real”, essencialmente indutivos ou analógicos “em que se generaliza a partir de um caso particular ou aqueles em que se transpõe para outro domínio o que aceito num campo particular” (FIORIN 2016, p. 185).

Como selecionamos para análise um discurso que gira em torno dos temas “família”, “escola” e “militarismo”, faremos uma articulação teórica entre os elementos retórico-argumentativos utilizados pelo orador, e que serão identificados na análise, com os postulados da Teoria do Discurso Social, de Marc Angenot (2010; 2015) e as noções de cultura, segundo Denys Cuche (1999) e Michel de Certeau (2010).

A partir das ideias de Cuche (1999), compreendemos cultura como aquela que envolve tanto os modos de vida quanto de pensamento e consideramos as instituições escolares, familiares e militares como pertencentes à ordem simbólica tanto constituintes da cultura quanto por esta constituídas. Além de constituírem e serem constituídos pela cultura, a escola, a família e o militarismo também podem ser estudados a partir da concepção de fetiche, postulada por Angenot (2010), pois, no contexto de um discurso social hegemônico enquanto intocáveis, são concepções tanto produtoras quanto produzidas, em relação a esses discursos de legitimação de um *status quo* historicamente unificador e regulador (ANGENOT, 2010).

O discurso social, teoria elaborada por Marc Angenot (2010; 2015), consiste nas generalizações, nos repertórios tópicos e nos enunciados encadeados a partir dos quais, por meio de uma divisão do trabalho discursivo, uma classe social, ideologicamente dominante, organiza o que deve ser dito, narrado e opinado, de maneira intencional, inclusive no que se refere à forma e ao conteúdo (ANGENOT, 2010). Segundo ele, o discurso social é “[...] um espaço de intersecções nos quais as coerções e as imposições de temas e formas vêm colmatar as brechas, impedir as tendências centrífugas e dar ao *Zeitgeist*, ao 'espírito da época', uma espécie de unificação orgânica” (ANGENOT, 20015, p. 27-28). Essa hegemonia discursiva rechaça a dissidência e o contradiscurso considerados como periféricos, ao fixar, entropicamente, marcos discursivos limitadores do que pode ser pensado, argumentado, narrado, escrito e publicado.

Em razão de o discurso proferido pelo ex-presidente Jair Bolsonaro ter como *lócus* uma escola militar, tem-se, neste caso, uma relação de poder estabelecida entre a instituição escolar e o modelo militar. Essa relação de poder, por sua vez, gera uma contradição: a escola passa a ser, ao mesmo tempo, um espaço que se quer democrático, mas que abriga centralizações políticas. Segundo Certeau (2010, p. 138), a partir da sua própria conformação geográfico-arquitetônico-geométrica, a escola se assemelha à caserna militar, como “um templo da razão una e centralizada”, a colocar na cidade “o selo de um poder cultural”. Forma-se, portanto, uma tríade

constituída pelo poder político, pelo poder cultural da escola e pelo poder militar de proteção, repressão e vigilância.

Este artigo é composto de três seções, construídas a partir do diálogo entre as teorias e o discurso selecionados. Na primeira seção, discorreremos sobre os elementos ligados ao *éthos* e ao *páthos* retóricos mobilizados pelo orador, através de uma *doxa* familiar. Na segunda seção, relacionamos os elementos ligados ao *lógos* do discurso analisado e à concepção de escola apresentada. Na terceira seção, discorreremos sobre a relação que o orador estabelece entre o *páthos* do auditório e um fetiche militar. Por fim, apresentamos as considerações finais do trabalho, baseadas nas discussões teóricas e nas análises apresentadas.

2 A mobilização do *éthos* e do *páthos*, ligados a uma *doxa* familiar

Logo no início do seu pronunciamento, excerto 1, Bolsonaro diz:

Bom dia a todos. Muito obrigado. Esse moleque tem futuro. Eu estou com 64 anos, e muitas passagens da nossa vida ficam na memória para sempre. Dizer para esses jovens que estão aqui, ingressando na sexta série do ensino fundamental, por volta de 80 alunos. Eu lembro que meu pai me dizia uma coisa aqui no Vale do Ribeira, aqui do lado aqui na cidade de Eldorado Paulista, perto de Registro, Jacupiranga, Iguape, Cananéia, ali em Eldorado Paulista. A cidade, hoje em dia, talvez tenha duas mil pessoas na área urbana. Meu pai me dizia uma coisa, garotada: o único homem que você pode confiar cem por cento sou eu, porque eu dou minha vida por você. Assim é um pai, assim é uma mãe (Discurso, linhas 1-9).

Ao utilizar o exórdio do discurso para fazer referência ao pai e à cidade onde passou parte da infância, Bolsonaro busca a adesão inicial do auditório, utilizando um *argumentum ad populum*, apelando para o *páthos* (paixões, sentimentos) daqueles que o ouvem. Segundo Fiorin (2016, p. 234), a função do exórdio “é conquistar o auditório, prender a sua atenção, criar uma disposição favorável para o que será apresentado”. Para isso, Bolsonaro faz uso daquilo que Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) chamam de figura de comunhão, uma referência a uma cultura, uma tradição ou um passado comum a todos, usada pelo orador para gerar identificação com o auditório³. Falar de infância e família e do lugar onde viveu pode despertar

³ Na tentativa de definir o auditório para o qual se destina o discurso do ex-presidente Jair Bolsonaro, selecionado para as análises deste trabalho, consideramos a noção de heterogeneidade do auditório, descrita por Perelman & Olbrechts-Tyteca (2014), segundo os quais, o auditório é uma reunião de pessoas diferenciadas pelo caráter, vínculos ou funções. Consideramos também o conceito de auditório coletivo descrito por Charaudeau (2007), segundo o qual, o auditório do discurso político é sempre uma entidade coletiva e em grande número, pois a fala do discurso político circula no espaço público.

sentimentos positivos do auditório e facilitar a sua adesão não só à tese principal, mas a todo o discurso que será proferido.

Ainda nesse excerto, ao se apresentar como um sujeito de 64 anos, Bolsonaro invoca um *éthos* de sabedoria, marcado pela sua experiência de vida. Um homem vivido, experiente e, possivelmente, sábio, também é um homem ponderado e que sabe o que diz. Ao invocar esse tipo de *éthos*, o orador tenta estabelecer uma relação de confiança com o auditório. É importante salientar que alguns valores funcionam como balizadores morais da nossa sociedade que, por sua vez, os entende como verdade. Segundo Fiorin (2016, p. 200) “os valores são sempre condicionados a uma época” e, no contexto social brasileiro, ser um homem mais velho e experiente ainda é um valor moral importante para algumas pessoas, sobretudo, as mais conservadoras. Nesse caso, a idade de Bolsonaro constitui um argumento da ordem do bom senso, exposto “como sendo do domínio do que não pode ser contestado” (FIORIN, 2016, p. 201).

No excerto seguinte (2), o orador volta a apelar para o *páthos*, ao falar de família, representada pelas figuras do pai e da mãe e ao fazer referência a um possível juramento realizado pelos alunos para quais se dirige e que também compõem o seu auditório:

Esse momento que vocês estão aqui, nessa aula inaugural, tenho certeza, até pela idade de vocês, tem, sim, a influência, o interesse e a responsabilidade do pai e da mãe de cada um de vocês. Como está aqui no juramento do aluno, honrar pai e mãe. Esse pai e essa mãe que está do lado de vocês agora querem o seu bem. Por isso se empenharam para que vocês entrassem numa escola onde eles sabem muito bem que vocês podem ficar aqui tranquilos, em paz, porque serão cobrados o tempo todo por resultados. E essa cobrança, por vezes, é chato estudar, quem diz que não, né? É. Mas é para o bem de vocês (Discurso, linhas 10-17).

Ao destacar em seu discurso a importância do aluno “honrar pai e mãe”, ideia pautada em preceitos religiosos, além de voltar a utilizar um *argumentum ad populum*, que pode despertar sentimentos coletivos do auditório, Bolsonaro invoca um *éthos* de virtude, ao demonstrar que, como político, age fiel às suas convicções e com os valores apresentados na sua campanha eleitoral, durante a qual a religião era uma das suas bases. De acordo com Charaudeau (2015, p. 122), “para julgar a fidelidade de um político, particularmente a relacionada a seus compromissos, é preciso constatar que ele sempre seguiu a mesma linha de pensamento e de ação”.

É importante ressaltarmos a relação estabelecida entre o verbo “honrar” (Discurso, linha 12), utilizado pelo orador ao se dirigir ao seu público, e a demonstração indireta de que honra aquilo que acredita, reforçando, portanto, uma possível percepção de que ele é digno de crédito, de confiança e de fé. Segundo

Aristóteles (2015), é necessário que essa confiança seja resultado do discurso do orador e não de uma opinião prévia existente sobre o seu caráter. Aristóteles (2015, p. 63) ainda ressalta que “quase se poderia dizer que o caráter é o principal meio de persuasão”, motivo pelo qual a invocação de determinados tipos de *éthos* é importante para qualquer orador.

No que tange à questão cultural, o pai aparece como provedor, digno de confiança, pois se trata, segundo Jair Bolsonaro, do “único homem que você pode confiar cem por cento” (Discurso, linha 8). Ele ainda assinala que “Assim é um pai, assim é uma mãe” (Discurso, linhas 8-9), mas, apesar de a mãe ser citada, toda a referência de provisão, sustentáculo e confiança recai sobre a figura paterna.

A partir desse entendimento, podemos observar a construção de uma *doxa* familiar, caracterizada pelo trecho “a influência, o interesse e a responsabilidade do pai e da mãe de cada um de vocês” (Discurso, linhas 11 e 12) e enfatizada pelo trecho “como está aqui no juramento do aluno, honrar pai e mãe” (Discurso, linha 12). Percebemos um arranjo familiar pautado numa concepção hegemônica de família, constituída por um pai, uma mãe e seus descendentes, cuja legitimação é possível, através do mandamento “honra teu pai e tua mãe”, contido no Pentateuco mosaico, nos Dez Mandamentos de Êxodo 20, e ratificados pela moral judaico-cristã, ao longo dos séculos. Essa triangulação pai-mãe-filho tem, na figura do patriarca, um modelo de provedor e referência maior e ignora as outras possíveis e conhecidas configurações familiares, constituídas em nossa época.

Em sua *doxa* de família, encontramos um discurso social hegemônico, mais uma vez, colocado em público como padrão. Segundo Angenot (2015), esse consenso historicamente construído no campo das ideias unifica, regula, garante a divisão do trabalho discursivo e a homogeneização das retóricas, tópicos e *doxas*. É dominante no sentido de fomentar uma estabilidade por estratificação dos graus variados de legitimidade central, enquanto outras visões discursivas se tornam periféricas. Quer dizer, essa retórica convencional sobre família se apoia numa imposição temática sociodiscursiva de uma *doxa* permitida. Assim, no que diz respeito ao campo das ideias, o que não pode ser dito também não pode ser pensado, pois o que pode ser dito é o que pode ser pensado. Dessa maneira, legitima-se a visão intocável da família como fetiche (ANGENOT, 2010), de modo que outras formas de constituição da mesma, fora do modelo padrão estabelecido, podem ser encaradas como tabu por esta ortodoxia.

3 O *lógos* do discurso de Bolsonaro e sua concepção de escola

O orador inicia o excerto 3 apresentando algumas teses de adesão, antes de evidenciar a tese principal do seu discurso. Tratam-se, respectivamente, das seguintes afirmações: “Aqueles que têm a felicidade de ter uma escola de qualidade têm, sim, o seu futuro garantido” (Discurso, linha 18-19), “E, se a nossa juventude puder garantir o seu futuro, o Brasil mudará” (Discurso, linha 19) e “Esse momento é gratificante por demais. Inaugurar uma escola, comprovadamente ser de qualidade. Uma escola que os ajudará lá na frente” (Discurso, linhas 20-21). Para Bolsonaro, o Colégio Militar possui qualidade, assegura uma boa formação para os estudantes e colocará o Brasil numa posição de destaque, mas ele não apresenta nesse excerto, nem nos excertos posteriores, fatos ou dados que sirvam de sustentação para a tese apresentada.

Ainda no excerto 3, encontramos marcas de incompatibilidade no discurso do orador. Analisemos o seguinte trecho:

Quando chegar no último dia de aula, vocês serão brasileiros por completo. Brasileiros prontos para entrar no mercado de trabalho, quer seja via um concurso, quer seja para ser empregado, patrão ou um liberal. Mas alguém que não dependerá do Estado para nada. Muito pelo contrário, o Estado é que vai precisar de vocês (Discurso, linhas 21-25).

De acordo com Fiorin (2016, p. 139), “a incompatibilidade refere-se a duas proposições que não podem coexistir no mesmo sistema, sem negar-se logicamente”. Quando afirma que os alunos não precisarão do Estado, mas o Estado precisará dos alunos, o ex-presidente não considera que a formação profissional do estudante não é suficiente para assegurar acesso ao mercado de trabalho e que cabe ao Estado garantir as condições necessárias para esse acesso, do ponto de vista educacional, mas também do ponto de vista econômico e da intervenção do Estado na regulamentação das leis de trabalho. A incompatibilidade do trecho analisado é marcada, igualmente, pela oposição estabelecida entre as afirmações “entrar no mercado de trabalho, quer seja via um concurso” (Discurso, linhas 22-23) e “alguém que não dependerá do Estado para nada” (Discurso, linha 24), uma vez que a realização de concursos públicos é competência da União, dos Estados e dos Municípios. Ainda nesse trecho, Bolsonaro invoca novamente um *éthos* de virtude, quando denota as ideias de Estado mínimo e de liberalismo econômico, amplamente divulgadas ao longo de sua campanha para presidente.

Outro elemento importante no trecho em destaque é a utilização de um argumento quase-lógico presente na seguinte afirmação: “Quando chegar no último dia de aula, vocês serão brasileiros por completo. Brasileiros prontos para entrar no mercado de trabalho” (Discurso, linhas 21-23). Trata-se daquele tipo de raciocínio que Aristóteles (2015) chama de preferível, cuja conclusão não está necessariamente

ligada à que a premissa apresenta. Segundo Fiorin (2016, p. 115), nesse tipo de raciocínio, “a conclusão é provável, possível, plausível, mas não logicamente necessária”. Não é exatamente lógico pensar que, ao término dos seus estudos no Colégio Militar, os estudantes do 6º ano do ensino fundamental já estejam prontos para o mercado de trabalho, assim como não é exatamente lógico pensar que somente ao final dessa formação esses estudantes serão brasileiros completos.

Por inferências, podemos interpretar que o ex-presidente, na verdade, não se referia apenas à conclusão do 6º ano daqueles estudantes, mas à conclusão de todo o seu percurso escolar no Colégio Militar, mas, ainda assim, o raciocínio que ele utiliza é quase-lógico, porque nada garante que todos esses estudantes, depois que concluírem os ensinamentos fundamental e médio, terão acesso ao mercado de trabalho. Nesse caso, o argumento lógico usado pelo ex-presidente é o de inclusão e divisão, através do qual considera-se a parte pelo todo (FIORIN 2016).

Na visão de Bolsonaro, a escola tem a missão de preparar o estudante para o mercado de trabalho e, desse modo, parece não haver espaço para uma visão mais abrangente do que seja escola, que considere, inclusive, a diversidade cultural que circula dentro desse espaço de conhecimentos. Essa concepção de escola nos remete à noção de “cultura singular” que, por sua vez, contrapõe-se à noção de “cultura no plural”, ambas apresentadas por Certeau (2010), para quem “quanto mais a economia unifica, mais a cultura deve diferenciar” (CERTEAU, 2010, p. 167). A ideia de “cultura singular” está presente no discurso de Bolsonaro através da representação de poder que acredita apenas num modelo de escola e de educação, que tem como objetivo preparar os estudantes para o mercado de trabalho. É importante ressaltar que essa “cultura singular” preserva o *status* intocável da educação enquanto fetiche, postulada (ANGENOT, 2010; 2015).

Esse modelo tecnicista de escola, fortalecido no período da ditadura militar, transformava professores e alunos em receptores e executores de um modelo de ensino autoritário e sem vinculação ao contexto sociocultural dos estudantes. Do ponto de vista educacional, o tecnicismo atua no aperfeiçoamento do sistema capitalista e do sistema produtivo, razão pela qual é preciso capacitar pessoas para o mercado de trabalho. Existe, nesse caso, a enunciação de uma única identidade dessa instituição e da sua missão sociocultural, na qual não cabem as diferenças, a diversidade de pensamentos, as dissidências, os contradiscursos e nem há espaço para as falas que estejam fora dessa identidade produzida socialmente pelo centro hegemônico (ANGENOT, 2015).

No excerto 4, Bolsonaro afirma:

E assim nós queremos o nosso ensino no Brasil, de qualidade de verdade, não da boca para fora. Aqui não tem aprovação automática,

como fizeram em alguns estados, e se faz pelo Brasil. Aqui tem responsabilidade, aqui vocês vão ter deveres, obrigações e vão ter direitos, também, de tirar uma boa nota. É o único direito de vocês, e é dessa forma que uma boa escola tem que se comportar (Discurso, linhas 26-30).

O ex-presidente inicia esse excerto criticando o ensino no Brasil que, segundo ele, não possui qualidade e promove aprovação automática. Entretanto, nesse caso, ele também não apresenta dados ou fatos que sustentem essa afirmação. O orador, mais uma vez, utiliza um argumento quase-lógico ao fazer uma comparação entre o ensino das escolas brasileiras e o ensino proposto pelo Colégio Militar, segundo ele, pautado na responsabilidade, em deveres, obrigações e direitos.

De acordo com Fiorin (2016, p. 124), “as comparações, embora vigorosas argumentativamente, pela aparência de rigor, aproximam apenas aspectos acidentais dos objetos, deixando de lado diferenças fundamentais entre eles [...]”. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 274-275), os argumentos de comparação são quase-lógicos porque “são em geral apresentados como constatações de fato, enquanto a relação de igualdade ou desigualdade afirmadas só constitui, em geral, uma pretensão do orador”. Ao fazer tal comparação, o orador não considerou os diferentes modelos de ensino existentes no Brasil, tampouco as diferenças em relação ao financiamento público, à forma de ingresso, à gestão escolar e à proposta didático-pedagógica.

4 O apelo ao *páthos* do auditório, através de um fetiche militar

No excerto 5, encontramos, novamente, a presença de argumentos que apelam para o *páthos* do auditório. Vejamos o trecho abaixo:

Então, a gente mostra claramente a vocês que o futuro, a nossa Nação e nosso, está em nossas mãos. Nas mãos de cada um de vocês. Da maneira como vocês vão se comportar, da maneira também como os pais vão se comportar para cobrar resultados de vocês. E tenho certeza, pelo que vocês passaram até agora, vocês não terão problemas nesse quesito. Vocês cumprirão com seu dever, dever esse que, lá na frente, vai refletir em bem para o nosso querido Brasil (Discurso, linhas 31-41).

O apelo ao *páthos* é evidenciado pela ideia de comunhão estabelecida pelo uso dos pronomes possessivos “nossa”, “nosso” e “nossas” (Discurso, linhas 36 e 37), que une todos em prol de um bem comum, orador e auditório, indivíduos que precisam se esforçar pela nação brasileira. Bolsonaro não só invoca o sentimento de patriotismo do auditório, como, logo em seguida, deposita nele a responsabilidade pelo futuro do país. Há, nesse caso, uma mudança de pessoa do discurso, possível

através da troca do pronome possessivo “nosso” e suas variantes de gênero e número, em primeira pessoa, pelo pronome de tratamento “vocês” (Discurso, linhas 36-37), seguido de verbos conjugados na terceira pessoa plural. De acordo com Perelman e Olbrecht-Tyteca (2014, p. 183), o emprego da terceira pessoa em lugar da primeira (seja do singular ou do plural) pode ter por efeito “diminuir a responsabilidade do sujeito, criar uma distância entre quem fala e o que ele diz”.

No excerto 6, ao evidenciar a visão de educação do seu governo, Jair Bolsonaro apresenta a escola militar como fetiche e novidade. Segundo ele, o governo precisa “impor uma nova dinâmica” (Discurso, linha 45) nas escolas, calcada no respeito, na disciplina e no patriotismo. Essa “nova dinâmica” representa um modelo de escola e de educação que poderíamos denominar de um “falso inédito” (ANGENOT, 2015, p. 31), pois não há marcas de originalidade no modelo apresentado, mas uma visão que nos remete ao modelo de escola do período da ditadura militar (1964-1984).

Uma visão compatível com um sistema já estabelecido não promove uma ruptura com o passado, mas o retorno do já tradicionalmente estabelecido. De acordo com Angenot (2015, p. 32-33), “as heterodoxias aparentes são as únicas aclamadas, porque a hegemonia fornece os meios para experimentar o charme e o interesse da novidade”. Ou seja, a nova dinâmica proposta por Bolsonaro e introduzida, no discurso, pelo verbo “impor” (Discurso, linha 45), pode ser compreendida como a revivescência de uma ortodoxia que continua a ser hegemônica, no que diz respeito à escola. Assim, o ex-presidente apresenta uma proposta considerada nova, mas que resgata um antigo modelo de educação, segundo ele, necessário para assegurar o exitoso futuro da nação.

No discurso de Bolsonaro, o fetiche militar se funde simbioticamente ao da escola que, no caso específico do discurso em análise, trata-se de uma instituição pública atrelada ao militarismo, bem como à sua disciplina e organização. Ao pensarmos nessa junção entre escola e militarismo, podemos identificar que, dentro de uma hierarquia sociocultural, existe o anseio de reviver um modelo outrora dominante, que pertencia a uma conjuntura político-estatal de regime de ditadura militar. Esse modelo identitário de educação pressupõe a submissão cultural daqueles submetidos a ele (CUCHE, 1999), a partir de concepção hierárquica, imposta verticalmente, de cima para baixo, sobre a educação e os educandos. Dessa maneira, a partir da noção de hierarquias sociais e culturais, bem como de suas relações com a identidade, em Cuche (1999) podemos entender essa influência cultural da escola militar incidindo diretamente sobre a identidade tanto da instituição escolar quanto dos estudantes, corroborando para que a identidade dos indivíduos se torne um assunto de Estado.

Preservando a hierarquia social dominante e acentuando o fetiche do militarismo educacional como instituição, Bolsonaro cita as experiências de ministros de Estado na educação militar. No excerto 5, o ex-presidente diz:

Eu tenho 22 ministros comigo, sete fizeram o Colégio Militar. Tem aqui o João Heleno, muito conhecido. Talvez, mais conhecido que ele, o Paulo Guedes que é civil. O heleno é general. Paulo Guedes é civil. Fez o Colégio Militar de Belo Horizonte (Discurso, linhas 33-35).

Há, nessa passagem do discurso de Bolsonaro, uma alusão à hierarquia social dominante do militar em relação ao civil, representada pela figura do general. Os ministros que estudaram em Colégio Militar são apresentados como modelos a serem seguidos. Segundo Fiorin (2016, p.189), “o modelo é uma personagem ou um grupo humano com quem se procura criar uma identificação, que merece ser imitado”.

No excerto aludido, encontramos, também, um determinismo que fala o homem, antes mesmo de o homem falar, composto por palavras que, além de não romperem com o *status quo*, continuam a manter as mesmas portas fechadas de sempre (CERTEAU, 2010). Assim, a manutenção da hierarquia, das diferenças, do resultado quantitativo escolar como meta, a soma da disciplina e do dever, aliado ao direito de tirar uma boa nota, nos colocam diante de uma verticalização, representada simbolicamente pelo fetiche (ANGENOT, 2010). Esses aspectos contribuem para a preservação um discurso social já conhecido e hegemônico e, apesar de estar situado no recorte sincrônico atual, assume o consenso em vigor no espírito de outro tempo (ANGENOT, 2015).

No excerto 7, Bolsonaro conclui o seu discurso ressaltando a importância da educação para “colocar o Brasil no local de destaque que ele bem merece” (Discurso, linhas 51 e 52) e reforçando a tese principal do seu discurso que, no que diz respeito à modalidade argumentativa, é do gênero *epidítico* (ARISTÓTELES, 2015), pois está inserido num contexto de ocasião, com foco no momento presente, não havendo, portanto, nenhuma problemática em questão tampouco uma distância entre orador e interlocutor a ser negociada (MEYER, 2007). Trata-se de um discurso, predominantemente, marcado pelo apelo ao *páthos* do auditório, característica que o torna mais voltado para a persuasão do que para o convencimento.

5 Considerações finais

A partir dos estudos retórico-argumentativos, fizemos uma análise do discurso político de Jair Messias Bolsonaro, com base na Teoria da Argumentação e da Nova Retórica de Chaïm Perelman e Olbrecht-Tyteca (2014), articulada à Teoria do Discurso Social, de Marc Angenot (2010; 2015), e noção de cultura segundo Denys Cuche

(1999) e Michel de Certeau (2010). Na primeira seção, discorremos sobre os elementos ligados ao *éthos* e ao *páthos* retóricos mobilizados pelo orador, através de uma *doxa* familiar. Na segunda seção, relacionamos os elementos ligados ao *lógos* do discurso analisado à concepção de escola apresentada. Na terceira seção, discorremos sobre a relação que o orador estabelece entre o *páthos* do auditório e um fetiche militar. No que tange à nossa pergunta norteadora e aos objetivos propostos, encontramos os resultados descritos nos próximos parágrafos.

Jair Bolsonaro mobilizou os três elementos da tríade retórica do *Éthos*, do *Páthos* e do *Lógos* para construir o seu discurso, com uma predominância de elementos mais direcionados ao *páthos* do auditório, razão pela qual, podemos afirmar, também, que seu discurso possui uma estrutura lógica e argumentativa que privilegia a emoção, as paixões daqueles para quem fala, visando a persuadi-los. Ao longo do discurso, Bolsonaro utilizou o *argumentum ad populum* e as figuras de comunhão para fazer referências a uma cultura, uma tradição ou um passado comum a ele e ao auditório e para falar da sua infância, família e do lugar onde viveu.

Bolsonaro invocou os *éthé* de virtude, de caráter e de sabedoria para gerar identificação com o auditório. No que tange ao *lógos*, utilizou um argumento que fundamenta a estrutura do real (o modelo), inseriu elementos linguísticos para promover comunhão com o auditório, mas mudou a pessoa do discurso para marcar distância e diminuir a responsabilidade que esses elementos poderiam lhe impor. Priorizou a utilização de argumentos quase-lógicos, de inclusão e divisão (a parte pelo todo) e de comparação, sem apresentar fatos ou dados que comprovassem as suas afirmações, bem como expôs incompatibilidades no discurso, evidenciadas por proposições contraditórias.

Quanto aos elementos ligados ao discurso social, encontramos ideais educacionais, familiares e militaristas construídos a partir de um consenso discursivo historicamente hegemônico e que também funcionam como fetiches. Existe uma *doxa* familiar intocável, ligada ao patriarcado e à moral judaico-cristã, a partir da qual a figura do pai é central na família e os mandamentos judaico-cristãos devem ser honrados e seguidos. No âmbito educacional, verificamos que Bolsonaro defende uma cultura escolar militar hierarquizada verticalmente, baseada na disciplina, no respeito, no patriotismo e que não leva em conta a diversidade característica da sociedade brasileira.

Há um interesse em resgatar o modelo de educação tecnicista da época da ditadura, que fortalece os ideais capitalistas e o sistema produtivo. Dessa forma, não há espaço para dissidências nem para um contradiscurso, pois o modelo apresentado é centralizador e está em torno de um fetiche intocável, ao passo que outras visões plurais, sobretudo, periféricas, não são mencionadas.

Referências

- ABREU, A. S. **A arte de Argumentar: gerenciando razão e emoção**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.
- ANGENOT, Marc. **El discurso social: los límites históricos de lo pensable y lo decibel**. Buenos Aires, Siglo XXI, 2010.
- ANGENOT, Marc. **O discurso social e as retóricas da incompreensão: consensos e conflitos na arte de (não) persuadir. Seleção de textos e apresentação: Carlos Piovezani**. São Carlos, EdUFSCar, 2015.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Manuel Alexandre Júnior; Paulo Farmhouse Alberto; Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015. (Coleção Folha Grandes nomes do pensamento; v.1)
- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 2010. (Coleção Travessia do Século)
- CHARAUDEAU, Patrick. **Pathos e discurso político**. Trad. de Emília Mendes. In Ida Lucia Machado (org.). *As Emoções no Discurso*, V. 1. Rio de Janeiro : Lucerna, 2007. p. 240-251, 2007.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz e Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2015.
- CUCHE, Dennys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.
- FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2016.
- MEYER, Michel. **A retórica**. Trad. Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: a nova retórica**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- PLANALTO, Palácio do. **Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Solenidade de Incorporação dos Alunos recém-matriculados no 6º Ano do Ensino Fundamental no Colégio Militar- São Paulo/SP**. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2020/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-solenidade-de-incorporacao-dos-alunos-recem-matriculados-no-6o-ano-do-ensino-fundamental-no-colegio-militar-sao-paulo-sp>. Acesso em: 06 ago 2020.

ANEXO:

**Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Solenidade de
Incorporação dos Alunos recém-matriculados no 6º Ano do Ensino Fundamental no
Colégio Militar- São Paulo/SP**

São Paulo/SP, 03 de fevereiro de 2020

Bom dia a todos. Muito obrigado. Esse moleque tem futuro. Eu estou com 64 anos, e muitas passagens da nossa vida ficam na memória para sempre. Dizer para esses jovens que estão aqui, ingressando na sexta série do ensino fundamental, por volta de 80 alunos. Eu lembro que meu pai me dizia uma coisa aqui no Vale do Ribeira, aqui do lado aqui na cidade de Eldorado Paulista, perto de Registro, Jacupiranga, Iguape, Cananéia, ali em Eldorado Paulista. A cidade, hoje em dia, talvez tenha duas mil pessoas na área urbana. Meu pai me dizia uma coisa, garotada: o único homem que você pode confiar cem por cento sou eu, porque eu dou minha vida por você. Assim é um pai, assim é uma mãe.

Esse momento que vocês estão aqui, nessa aula inaugural, tenho certeza, até pela idade de vocês, tem, sim, a influência, o interesse e a responsabilidade do pai e da mãe de cada um de vocês. Como está aqui no juramento do aluno, honrar pai e mãe. Esse pai e essa mãe que está do lado de vocês agora querem o seu bem. Por isso se empenharam para que vocês entrassem numa escola onde eles sabem muito bem que vocês podem ficar aqui tranquilos, em paz, porque serão cobrados o tempo todo por resultados. E essa cobrança, por vezes, é chato estudar, quem diz que não, né? É. Mas é para o bem de vocês.

Aqueles que têm a felicidade de ter uma escola de qualidade têm, sim, o seu futuro garantido. E, se a nossa juventude puder garantir o seu futuro, o Brasil mudará. Esse momento é gratificante por demais. Inaugurar uma escola, comprovadamente ser de qualidade. Uma escola que os ajudará lá na frente. Quando chegar no último dia de aula, vocês serão brasileiros por completo. Brasileiros prontos para entrar no mercado de trabalho, quer seja via um concurso, que seja para ser empregado, patrão ou um liberal. Mas alguém que não dependerá do Estado para nada. Muito pelo contrário, o Estado é que vai precisar de vocês.

E assim nós queremos o nosso ensino no Brasil, de qualidade de verdade, não da boca para fora. Aqui não tem aprovação automática, como fizeram em alguns estados, e se faz pelo Brasil. Aqui tem responsabilidade, aqui vocês vão ter deveres,

obrigações e vão ter direitos, também, de tirar uma boa nota. É o único direito de vocês, e é dessa forma que uma boa escola tem que se comportar.

Então, nesse momento, voltando aí mais de 50 anos no tempo, eu me sinto rejuvenescido em vê-los nesse momento, felizes ao lado dos seus pais. E até falaria mais. Eu tenho 22 ministros comigo, sete fizeram Colégio Militar. Tem aqui o João Heleno, muito conhecido. Talvez, mais conhecido que ele, o Paulo Guedes, que é civil. O Heleno é general. Paulo Guedes é civil. Fez o Colégio Militar de Belo Horizonte. Então, a gente mostra claramente a vocês que o futuro, a nossa Nação e nosso, está em nossas mãos. Nas mãos de cada um de vocês. Da maneira como vocês vão se comportar, da maneira também como os pais vão se comportar para cobrar resultados de vocês. E tenho certeza, pelo que vocês passaram até agora, vocês não terão problemas nesse quesito. Vocês cumprirão com seu dever, dever esse que, lá na frente, vai refletir em bem para o nosso querido Brasil.

O que eu mais quero, tenho presente aqui, o ministro Abraham Weintraub, nosso ministro da Educação, que tem um trabalho enorme pela frente. Pegou o Brasil no último lugar no ranking educacional, na prova do Pisa. Por isso, ele é tão criticado. Que nós devemos, sim, impor uma nova dinâmica, para que, no Brasil como um todo, a garotada tenha, sim, uma boa carga de conhecimento calcado, em especial, na disciplina, no respeito ao próximo, no amor aos pais e no patriotismo, para que ele possa, então, somar para nós no futuro.

Ninguém tem o que nós temos. Ninguém. Nós temos tudo para ser uma grande Nação. Falta-nos é tratar com devido respeito e atenção a questão educacional da nossa Pátria. Jovens, meninos, meninas, pais, parabéns a vocês. Vamos, juntos, colocar o Brasil no local de destaque que ele bem merece. Um bom dia a todos.



School, family and militarism: rhetorical-argumentative analysis of Jair Bolsonaro's discourse at a Military School in São Paulo

ABSTRACT:

This article presents an analysis of the speech of the former President of the Republic, Jair Messias Bolsonaro, during the solemnity of incorporation of newly-enrolled students in the 6th grade of elementary school in a Militar School - São Paulo/SP, delivered on February 3, 2020 and available on the official website of the Planalto Palace. This is a theoretical-methodological articulation between the Argumentation Theory and the New Rhetoric of Chaïm Perelman and Olbrechts-Tyteca (2014), the Social Discourse Theory of Marc Angenot (2010; 2015) and the notions of Culture according to Denys Cuche (1999) and Michel de Certeau (2010), to answer how Jair Bolsonaro constructs his discourse and with the aim of identifying the argumentative techniques he uses. It explores the integration between the elements of the rhetorical triad of *Éthos*, *Páthos* and *Lógos* in the construction of the former president's discourse and also explores the notions of fetish and culture imbricated in it. From a methodological point of view, the speech was analyzed in its entirety, but divided into seven excerpts to facilitate the identification and understanding of the analyzed elements. As a result, it is concluded that Jair Bolsonaro mobilizes the three elements of the rhetorical triad, but there is a predominance of elements linked to the *páthos* of the audience, evidenced in the exploration of the themes "school", "family" and "militarism", socially and culturally legitimized and hegemonic.

KEYWORDS:

Politic discourse;
Jair Bolsonaro;
Rhetorical triad;
Social Discourse;
Culture.